



# PERSPECTIVA DE GRADUANDOS DA UFMG A RESPEITO DAS *FAKE NEWS*

Marcelo de Castro<sup>1</sup>, Cláudia Ribeiro Rodrigues<sup>2</sup>, Shirlene Ferreira Coelho<sup>3</sup>, Ana Paula Cordeiro Lacerda Franco<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Doutrando em Estudos Linguísticos/UFMG/marcelocastromc@hotmail.com

<sup>2</sup>Doutoranda em Estudos Linguísticos/UFMG/claudiarprof9@gmail.com

<sup>3</sup>Doutoranda em Estudos Linguísticos/UFMG/shirlenecoelho@outlook.com

<sup>4</sup>Pós-graduada em Educação/Unileya/anapaula.2305@yahoo.com.br

**Resumo:** Nesta pesquisa, buscamos analisar os dados referentes a um questionário respondido por graduandos matriculados na disciplina *on-line* “Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos”, ofertada na UFMG. O objetivo central foi compreender como esses estudantes lidam com as *fake news*, tema que tem repercutido com mais intensidade nos últimos anos, mas que carece de estudos mais aprofundados sobre as suas causas e motivações. Os resultados obtidos mostram certa criticidade dos alunos universitários investigados para lidar com tais notícias.

**Palavras-chave:** *Fake news*, graduandos, UFMG, criticidade.

## 1. Introdução

Notícias falsas (ou *fake news*) sempre existiram, contudo têm circulado de forma mais intensa na atual conjuntura devido, principalmente, à facilidade de compartilhamento de informação no mundo virtual. As eleições presidenciais norte-americanas, em 2016, assim como as brasileiras, em 2018, são excelentes exemplos de intensa propagação de notícias desse tipo, mas as inverdades não estão restritas à política, pois também perfazem, comumente, a opinião pública a respeito da ciência, da economia, da cultura, dentre outras áreas.

Tendo ciência da relevância dessa discussão na atualidade, decidimos – enquanto tutores de uma disciplina *on-line* ofertada pela Faculdade de Letras (FaLe), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a diversos cursos de graduação – investigar, por meio de um questionário, como um grupo de universitários lida com as notícias falsas diariamente. Sabendo que a cultura acadêmica preza pela criticidade e pela verdade científica, objetivamos, por meio desta pesquisa, identificar e avaliar o tratamento dado às notícias falsas por parte dos graduandos da UFMG, matriculados na disciplina “Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos” (OLP), em 2019/2. Nossa hipótese era de que sujeitos pertencentes ao ensino superior, isto é, detentores de uma escolaridade mais avançada, têm uma perspectiva mais adequada para reconhecer *fake news*.



## 2. Fundamentos teóricos e metodológicos

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil apresentava 116 milhões de usuários de internet em 2016, ano em que a última amostragem foi analisada. Fato é que, com a possibilidade de compra de telefones celulares facilitada e as variadas opções de plano de internet para aparelhos móveis disponíveis nos últimos anos, certamente, esses dados são ainda maiores em 2020. Paralelo ao uso democratizado do ambiente virtual, evidencia-se um fenômeno da comunicação humana denominado *fake news*, o qual, apesar de recentemente cunhado e ainda pouco explorado em pesquisas, já se fazia presente nas práticas languageiras. Definidos por Allcott e Gentzkow (2017) como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (apud DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 157), as notícias falsas possuem significativo impacto no ambiente social, já que conformam realidades, recriam novas outras e promovem mudanças inimagináveis – a curto e a longo prazo – no cotidiano, tais quais o favorecimento das eleições de Donald Trump (nos Estados Unidos) e Jair Bolsonaro (no Brasil).

Recentemente, notícias falsas sobre o surgimento, a contaminação e até mesmo a cura da Covid-19 viralizam nas redes sociais, demonstrando o quanto o compartilhamento de informações (que podem, inclusive, provocar a morte dos indivíduos) é facilmente reproduzido pela população. À vista disso, o grande questionamento acerca dessa problemática envolve a questão da verificação dos dados, a qual nem sempre é realizada, mesmo a maioria dos cidadãos estando inteirada da existência das *fake news*. Nesse sentido,

a jornalista Ângela Pimenta [...] lembra, no entanto, que a notícia falsa tem muitas nuances. Pode partir da manipulação de uma imagem, da retirada de uma informação de determinado contexto ou até mesmo de um meme ou sátira não indicados claramente como tal (ALMEIDA, 2018, p. 12).

Com tal perspectiva em vista, entende-se que as estruturas constituintes das notícias falsas são elaboradas objetivando a fraude, a ludibriação. Mesclam-se ao material inverídico marcas, símbolos e características caras a conteúdos de canais jornalísticos renomados ou de órgãos públicos, além de apresentarem, por vezes, autorias falsamente atreladas a personalidades. Tudo isso é meticulosamente arquitetado no sentido de tornar as *fake news* verossímeis, realidade que, comumente, promove o convencimento e a persuasão em massa.

Para mais, segundo o IBGE-2016, 51% da população brasileira de 25 anos ou mais tem o Ensino Fundamental completo ou equivalente e 26,3% possuem o ensino médio completo ou equivalente. Ainda, o Instituto Pró-livro declara que são lidos, anualmente, por pessoa, cerca de 2,43 livros. Esses dados, claramente, ilustram grandes



potencializadores das *fake news* no Brasil: a baixa escolaridade e a ausência de leitura. Assim, embora uma maior formação escolar possa estar diretamente ligada a uma melhor identificação de conteúdos falaciosos (tal como será demonstrado neste trabalho), quando se reflete acerca da leitura da população, vê-se, de modo geral, que sempre é possível desenvolver mais a competência leitora. Tal panorama pode, então, influenciar na qualidade de leituras/pesquisas que devem ser realizadas, com bastante criticidade, para descredibilizar as notícias falsas.

Do ponto de vista metodológico, cabe destacar que a pesquisa é quali-quantitativa, abordagem que, segundo Brüggemann e Parpinelli (2008), tem interesse conjunto nos aspectos subjetivos (qualitativos) e nos objetivos (quantitativos) de uma realidade. Seguindo essa linha de raciocínio, nós, os autores-pesquisadores que engendraram o presente estudo no escopo da OLP, disciplina *on-line*, da FaLe/UFMG, atuamos nessa como tutores, em parceria às docentes coordenadoras. A OLP é ofertada semestralmente a 500 alunos de todos os cursos da UFMG (alguns desses a têm como obrigatória, outros como optativa ou eletiva) e objetiva aprimorar as práticas de leitura, de escrita e de pesquisa no contexto acadêmico. Tendo em vista o grande número de matriculados, elaborou-se um questionário estruturado que foi respondido *on-line* e opcionalmente por 170 estudantes matriculados na referida disciplina no 2º semestre de 2019.

Tal questionário foi composto por 9 perguntas sobre o perfil acadêmico dos participantes (curso e ano de graduação) e, essencialmente, o universo das notícias falsas, como contato, mecanismos de identificação e de combate à manipulação, realização de checagem entre sites etc. Os respondentes autorizaram, por meio de um termo de consentimento virtual, a divulgação dos dados produzidos que foram descritos e analisados por meio de gráficos e tabelas<sup>1</sup>. A depender do conteúdo de cada questionamento, ora havia apenas uma opção de resposta (o que foi analisado por meio de regra de três simples), ora a possibilidade de assinalar mais de uma (o que foi analisado com dados absolutos).

### 3. Apresentação e discussão dos dados

As duas primeiras questões respondidas pelos participantes referiam-se ao curso e ao período da graduação. Quanto a esse perfil, pode-se afirmar que a maioria é de Engenharia de Controle e Automação (23), seguida dos alunos de Engenharia Mecânica (18), Aquacultura (17) e Engenharia Química (16). Há, assim, uma representatividade mais expressiva das Engenharias, todavia os matriculados na OLP, em 2019/2, pertenciam a 37 cursos. A respeito do período, 37,1% está no quinto e 25,3% no quarto ano de graduação, isto é, a maior parte já está em fase de conclusão de curso.

---

<sup>1</sup> Devido ao número limitado de laudas para produção do artigo, optou-se, na descrição e na análise dos dados, por não reproduzir gráficos e tabelas elaborados, mas apenas relatar os percentuais e os valores absolutos.





Sobre as notícias, 96,5% dos alunos julgaram importante acompanhá-las, enquanto apenas 3,5% se posicionaram contrários a isso. Como era de se esperar de um grupo de graduandos, cuja maioria encontra-se no ano final do curso, grande parte deles têm o hábito de acompanhar as notícias que circulam socialmente. Ainda que seja uma minoria, o fato de se ter uma pequena porcentagem de estudantes que não têm o hábito de se informar sobre os acontecimentos noticiados é um dado preocupante, já que é basilar, para um universitário, manter-se atualizado sobre o que acontece no mundo e na área que estuda. Ademais, uma relação fortuita com a informação pode gerar dificuldades no discernimento entre notícias falsas e verdadeiras. Essa habilidade de identificar *fake news* é essencial para qualquer cidadão. No meio acadêmico, ela se torna ainda mais necessária, uma vez que esse ambiente precisa ter responsabilidade social com a divulgação das informações, principalmente em tempos em que o valor da ciência é fortemente questionado.

De modo mais específico sobre os canais de acesso, entre as opções de resposta, a mais assinalada (108) foi “leio jornais e/ou revistas *on-line*”. Em menor proporção, 53 acompanham notícias ocasionalmente, 39 têm acesso pela TV e 31 pelo rádio, 13 leem jornais e revistas impressas, 3 nunca acompanham notícias. Como se percebe, era possível marcar mais de uma opção, logo se verifica que as notícias fazem parte da rotina dos entrevistados, principalmente em meios digitais, espaço mais prototípico de circulação de *fake news* no momento.

92,4% dos entrevistados também afirmaram já ter identificado uma notícia falsa, sendo que 97,1% delas foram veiculadas nas redes sociais (como *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter*, *Telegram*), seguido, inexpressivamente, de conversas cotidianas presenciais (2,4%) e revistas *on-line* (0,5%). Nessa questão, jornais *on-line* e impressos, assim como revistas impressas, não foram assinalados por nenhum graduando como canal de maior circulação. É sabido que as redes sociais são *locus* propício para disseminação de notícias falsas, não só pelo público abrangente que alcançam, mas também porque ali pode pairar uma (perigosa) ideia de confiabilidade entre os indivíduos que, em um simples clique, compartilham informações com um grande número de contatos pessoais.

Apesar do alto percentual de alunos que disseram já ter identificado notícias falsas, apenas 56% deles afirmaram ter usado um site para checar a autenticidade da informação identificada como não verdadeira naquela ocasião. Isso pode ser problemático, visto que a checagem pode ser uma ferramenta valiosa e, se não feita, tende a contribuir para disseminação de notícias falsas.

No quesito formas de verificar se a notícia é ou não falsa, os indicativos foram assinalados na seguinte ordem decrescente: canal de divulgação (135 marcações), relação das informações apresentadas com as de outras fontes (117), dados apresentados ao longo do texto (97), nome da agência divulgadora (93), autor (77), forma como o texto foi escrito/falado (72), pela imagem de quem a compartilhou (no caso das redes sociais) (18). Esses revelam que os sujeitos dessa pesquisa se valem de estratégias eficazes para verificação e combate às *fake news*. Eles priorizam fontes confiáveis,



estabelecem comparações entre elas, analisam a qualidade das informações dadas. Desse modo, confirma-se haver uma subjetividade envolvida para a checagem da veracidade da informação, tendo em vista que os criadores de notícias desse tipo empregam diversas nuances para inventar ou recriar uma realidade, como bem aponta Almeida (2018).

No que diz respeito às estratégias para evitar a manipulação via *fake news*, houve 142 marcações para ler/ouvir especialistas sobre a questão, 138 para ler cuidadosamente as notícias e os outros textos citados nela, 130 para estudar documentos oficiais sobre o assunto e também 130 para aprimorar a leitura de modo a ser um leitor crítico, 120 para procurar outras opiniões a respeito, 93 para evitar notícias de jornais sensacionalistas, 31 para não acreditar em notícias incomuns, 8 para compartilhar a notícia a fim de que mais pessoas a conheçam, 2 para ler/ouvir apenas informações em concordância às ideias pessoais, 1 para não ler notícias na internet. Em relação a isso, a maioria dos alunos também adota um comportamento adequado: ouvir especialistas no assunto. Acreditamos que essa postura é resultante da influência do meio acadêmico em que esses discentes estão situados, pois eles são orientados a buscar sempre um referencial teórico especializado e com credibilidade no assunto, a procurar informações em fontes originais, em sites oficiais, confrontando-as e debatendo-as. Com isso, feito de forma integrada (uma vez que uma estratégia não exclui as demais), é possível desenvolver a criticidade exigida nessa prática letrada.

É importante discutir ainda os dois métodos menos usados por esses graduandos como estratégias para evitar a manipulação por *fake news*. Esses dados, por sua vez, são resultantes da criticidade desses alunos, pois entendem que, ao buscar informação apenas em fontes cujo viés ideológico se identificam, perde-se a oportunidade de confrontar a legitimidade dos fatos e que deixar de ler notícias na internet não garante o contato e a propagação das *fake news*. Esses são apontamentos muito positivos, porque, como revelado acima, a maioria dos estudantes pesquisados usam o meio digital para se informar e também, como visto, é nesse espaço que as notícias falsas mais circulam. Portanto, é fundamental possuir estratégias para identificá-las, combatê-las e não as disseminar.

#### 4. Considerações finais

Ainda que a prática de propagação de *fake news* não seja tão recente, assim como argumentam Delmazo e Valente (2018), este assunto tornou-se mais recorrente na atualidade. A justificativa para a nossa pesquisa baseia-se na pouca literatura sobre o assunto, mote que nos revela a necessidade de se buscar compreender o porquê dessa prática e quais motivações estão imbricadas nesse processo. É um tema que precisa ser discutido, com a finalidade de se encontrar mecanismos para seu enfrentamento e, assim, evitar que tais notícias falaciosas ganhem maior espaço na sociedade como um todo.

Tendo isso em vista, o objetivo principal do presente estudo foi o de compreender como o estudante universitário lida com as *fake news* em seu dia a dia. Assim como sinalizado em nosso referencial teórico, a propagação das notícias falsas se dá, em sua grande



maioria, pela baixa escolaridade dos indivíduos e por aqueles que pouco leem. Desse modo, e como foi verificado em nossa análise de dados, quanto maior o nível de escolaridade do sujeito, mais apto ele tende a estar para perceber essas inverdades e buscar formas de combatê-las; fato que confirmou nossa hipótese investigativa. Outra característica relativa a esse panorama se dá pelo meio acadêmico, em que são exigidos do graduando uma maior carga de leitura e desenvolvimento do pensamento científico e crítico. Entretanto, o pouco quantitativo de discentes que busca por verificação de notícias nos mostra que esse assunto precisa ser debatido nos espaços escolares, como buscamos fazer no escopo da OLP. Todavia, essa perspectiva não deve se restringir ao ensino superior, mas perpassar, também, pela escolarização básica, no desenvolvimento da criticidade de alunos dos ensinos fundamental e médio, na medida em que isso contribui para formação cidadã embasada na ciência e na verdade.

## Referências

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **PNAD Contínua TIC 2017**: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso: 25 de abr. 2020.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Educação 2016**. Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/95090ddfb63a3412f04fedafd6d65469.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/95090ddfb63a3412f04fedafd6d65469.pdf)>. Acesso: 25 de abr. 2020.

ALMEIDA, R. Q. *Fake news*: arma potente na batalha de narrativas das eleições 2018. **Ciência e Cultura**, vol. 70, n. 2, São Paulo, abr./jun., p. 9-12, 2018.

BRÜGGEMANN, O. M.; PARPINELLI, M. A. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. **Revista Escola Enfermagem USP**, n. 42, p. 563-568, mar., 2008.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. *Fake news* nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, vol.18, n. 32, Lisboa, abr., p. 155-169, 2018.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Brasileiro lê em média 2,43 livros por ano, diz pesquisa**. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/ipl-na-midia/clipping/8551-brasileiro-le-em-media-2-43-livros-por-ano-diz-pesquisa-portal-t5-23-04-2018>>. Acesso: 25 de abr. 2020.